



1

## São Paulo e suas questões expressas nas páginas da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo<sup>1</sup>

SILENE FERREIRA CLARO<sup>2</sup>

Revistas são estudadas em pesquisas históricas como fontes, desde a ampliação dos temas e objetos de história são objetos de análise. São muito numerosas as obras que comprovam tais usos, de forma que não há necessidade que citarmos a vasta bibliografia comprobatória. Geralmente revistas são utilizadas como fontes, complementares ou centrais aos temas estudados, e, sobre seu uso não há questionamentos. Enquanto objeto de análise, existem propostas analíticas diversas: podem ser organizadas em edições críticas e facsimilares; podem ser descritas e analisadas quanto aos temas, conteúdos e autores; podem ser utilizadas para exploração de campo científico ou análise documentária. Tantos usos quantos enfoques possíveis. Estudar como as revistas têm sido exploradas em campos de conhecimento é propor um outro trabalho, longo e extenso, fora dos objetivos deste texto (LUCA, 1999; PINSKY, 2006).

O nosso objeto de pesquisa, em nosso trabalho de doutoramento, foi a *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo - RAM*<sup>3</sup>. Através da sua análise, procuramos entender como ocorreu o processo de profissionalização dos campos de conhecimento em São Paulo, no período entre 1934 e 1950, buscando compreender especificamente como o conhecimento histórico foi retratado na revista, e avaliar as relações daquela divulgação com a representação que o senso comum tinha – e continua tendo – sobre a História. A periodização que

---

<sup>1</sup> Este texto, aqui modificado, foi produzido originalmente como introdução de nossa tese de doutoramento: CLARO, Silene Ferreira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória - 1934-1950)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09022009-164245/en.php>. Esta tese foi publicada, em 2014, como CLARO, Silene Ferreira. *Especialização do campo da História: observação da formação específica dos historiadores através da análise da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014. Uma versão revisada foi publicada em 2017: CLARO, Silene Ferreira. *O campo do Historiador na Revista do Arquivo Municipal*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

<sup>2</sup> Doutora em História Social e Pós-Doutora pela FFLCH-USP. Docente nas Faculdades Integradas Campos Salles.

<sup>3</sup> A *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* é citada como *RAM*. Ela circulou, impressa, entre 1934 e 1992, com 206 números, sendo publicado até 2006. Atualmente existe sua versão online, disponível em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo\\_historico/publicacoes/index.php?p=8312%22](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes/index.php?p=8312%22) (acesso em 04/03/2017).



2

selecionamos foi um recorte dentro dos mais de cinquenta anos de publicação da revista.

Através da análise, podemos observar que a *RAM* foi considerada, pelos contemporâneos e por pesquisadores que nela escreviam e os que a estudaram, como um veículo de divulgação do conhecimento científico e cultural, principalmente das atividades realizadas pelo Departamento de Cultura – DC da Prefeitura do Município de São Paulo<sup>4</sup>. Diante disso, nosso entendimento sobre a *RAM* é o de que ela pode ser considerada como um sintoma daquele período, através da qual podemos acompanhar os debates e disputas pelo poder entre os intelectuais que a organizaram e os que nela publicaram seus textos.

A periodização definida em nossa pesquisa é marcada entre o momento em que a *RAM* passou a ser editada, em 1934, e, 1950, data que definimos como encerramento da pesquisa, corresponde ao ano em que a *Revista de História – RH*<sup>5</sup> surgiu como a primeira publicação científica específica no campo de conhecimento dos estudos históricos, no qual centramos maior atenção, e que, a partir desta segunda data, a *RH* passou a concentrar as publicações científicas da área de História, especialmente dos alunos da FFCL - USP<sup>6</sup>. Outras revistas científicas já existiam, mas não são elas o foco de nosso interesse.

A escolha de 1950 para finalização da pesquisa se deve ao fato de que, a partir de meados do século XX, podemos observar a transformação da *RAM*. O periódico refletiu as perspectivas da sociedade brasileira, que estava se tornando mais complexa econômica, social e culturalmente, que passava a contar com um sistema de ensino mais amplo, com a estruturação e expansão do ensino superior. Durante o período estudado, em termos políticos, atravessamos a Era Vargas, com toda sua turbulência. A base econômica do país se diversificou, com ampliação da industrialização, com novos grupos sociais surgindo no cenário social e político, e o campo intelectual adquiriu maior autonomia (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 1984).

---

<sup>4</sup> O Departamento de Cultura – DC da Prefeitura do Município de São Paulo é citado como DC.

<sup>5</sup> A *Revista de História*, editada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo é citada como *RH*. Ela circula até hoje, estando na 3ª. série, vol. 156, disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/dhrh/menu.html> (acesso em 20/06/2008).

<sup>6</sup> Faculdade de Filosofia Letras e Ciências – Universidade de São Paulo.



3

Com o aparecimento de algumas outras revistas, científicas ou de cultura, os intelectuais, que anteriormente publicavam na *RAM*, passaram a ter outros espaços de sociabilidade. A década de 1950 assistiu ao surgimento de vários outros periódicos, cada qual especializado em um tipo de debate, como a *Revista Brasiliense*, a *Revista de Antropologia*, a *Anhembi*, abordando estudos econômicos, antropológicos e culturais (FERREIRA, 2002).

Destacamos que, em nossa perspectiva de estudo, a *RAM* foi analisada de forma diferente dos outros estudos que a utilizaram como fonte. Primeiro porque, no nosso caso, a revista é não apenas fonte de pesquisa, mas sim nosso objeto de pesquisa. Segundo, as pesquisas sobre a *RAM*, geralmente a utilizam quase como se fosse veículo de divulgação exclusivo do DC, com destaque para as iniciativas do grupo ligado a Mário de Andrade, deixando de lado tanto a sua longa existência, como obscurecendo seu papel cultural. (BARBATO Jr, 2004; BASTOS, RIDENTI, ROLAND, 2003; FARIA, 1993; FILIZZOLA, 2002; OLIVEIRA, 1995; RAFFAINI, 2001; RUBINO, 1995)

Alguns pesquisadores já utilizaram a *RAM* como fonte para pesquisa é importante destacar suas propostas de análise.

Silvana Rubino (1995: 479-521) cita brevemente a *RAM* em estudo que pesquisou a formação da Sociedade de Sociologia e a Sociedade de Etnografia e Folclore, ambas com vinculações com o DC. A autora analisou a revista do ano da sua criação até 1945, relacionando a transformação da mesma com as mudanças da sociedade. Dos estudos que utilizaram a revista como fonte, este é o que mais se aproxima do nosso quanto à periodização, mas sem os mesmos objetivos.

Rita de Cássia Alves de Oliveira (1995) em seu mestrado em Ciências Sociais, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, afirma que:

*através da reconstituição das atividades do Departamento de Cultura e da leitura da Revista do Arquivo Municipal entre 1935 e 1938, buscou-se captar a relação Estado/cultura e identificar a concepção de cultura presente naquele momento. (OLIVEIRA, 1995: resumo)*

Conforme a citação, a *RAM* é utilizada como fonte, em um período diferente do nosso e com perspectivas e propósitos diversos, pois a autora focaliza o estudo no DC.



4

Patrícia Tavares Raffaini (2001) é outra pesquisadora que utilizou a *RAM* como fonte. Preocupada em entender o conceito de cultura que um grupo de intelectuais do DC adotara, elege a revista como veículo das iniciativas daqueles intelectuais que se envolveram com a política cultural da época. Ela centralizou a análise do DC em torno da figura de Mário de Andrade, o que determina a periodização entre 1935 e 1938.

Ana Carolina Bonjardim Filizzola (2002) usou a *RAM* como fonte, e selecionou artigos publicados entre 1935 e 1937, examinando a criação dos Parques Infantis em São Paulo, mais uma iniciativa do DC, com destaque para o período no qual Mário de Andrade era o diretor da instituição. Com a mesma preocupação de estudar os Parques Infantis, mas sob outra perspectiva, também utilizando a *RAM* como fonte, há o estudo de Ana Lúcia de Goulart Faria (1993), citado por Filizzola.

Roberto Barbato Jr. (2004) analisou a relação dos intelectuais do DC, liderados por Mário de Andrade, com os poderes públicos e a recusa dos mesmos em se identificar como participantes diretos da política. O autor demonstrou que, mesmo negando os aspectos políticos das iniciativas do DC, os grupos a ele ligados estavam dentro do campo que repudiavam, principalmente ao proporem que a cultura tinha finalidade diferente de ser apenas ornamental, como o senso comum compreendia. Desta forma, a *RAM* foi escolhida como fonte privilegiada para acompanhar o pensamento de tais políticos e a periodização se mantém entre 1935 e 1938.

Como apontado anteriormente, a importância da *RAM* é reconhecida como fonte em vários estudos que tinham o *DC* como objeto de pesquisa. Entretanto, sob nosso ponto de vista, a publicação é mais rica, pois abarcava outros colaboradores, um grupo mais abrangente que os intelectuais do *DC* e o grupo de Mário de Andrade. O que procuramos demonstrar é que, além daquele importante grupo, outros intelectuais publicaram na *RAM*, o que a configurou como sintoma de uma época, pois podemos recuperar uma parte das representações da intelectualidade de São Paulo em fase de profissionalização e suas disputas dentro do campo intelectual.



5

Também procuramos demonstrar que a *RAM* era um importante periódico para e em São Paulo (cidade e estado), com importância crescente desde seu surgimento até o momento que delimitamos como data de encerramento da pesquisa, e veiculou estudos e documentos que revelaram as estratégias dos que governaram, da mesma forma que nos deu pistas sobre as contradições e conflitos entre a intelectualidade da época.

Nossa pesquisa pode ser entendida dentro do campo dos Estudos Culturais, delimitando-se como uma História Intelectual, pois procuramos reconstituir as representações de um grupo de intelectuais, centralizados, em sua maioria, na cidade de São Paulo, e que se utilizaram das páginas da *RAM* para publicar seus resultados de pesquisas ou debater com seus pares.

Aprofundando a perspectiva acima, compreendemos que as ideias e os debates que podem ser reconstituídos através das representações, foram resultados de relações sociais dentro daquele grupo que consideramos como fazendo parte da classe dominante, e, como tal, disputava uma colocação na hierarquia do campo intelectual (BOURDIEU, 2003).

Apesar de a *RAM* não constar dos catálogos de imprensa paulista que pesquisamos, talvez pelo fato de ser posterior as datas demarcatórias daquelas publicações, além de não ser um periódico tão conhecido pelos pesquisadores como outros da mesma época, como *Paulistanea*, por exemplo, a revista foi de grande importância para os intelectuais do período, pois oferecia visibilidade, principalmente por ter circulação por todo o país, além de ser distribuída em outros países da América inteira e vários países da Europa. Tais dados foram levantados através da leitura da revista, nas seções **Publicações** e **Noticiário**, que apresentam tanto a citação de obras que recebiam de várias partes do mundo, como as cartas de leitores, geralmente os intelectuais reconhecidos de alguma região. Desta forma, nosso trabalho é proposto como um estudo pontual, que procura reconstituir o ambiente intelectual em São Paulo, durante a fase de profissionalização de intelectuais, delimitada em nosso trabalho entre 1934 e 1950.



6

Voltando à questão das disputas dentro do campo intelectual, destacamos que no mesmo período em que a *RAM* foi criada, surgiram também algumas instituições de ensino e pesquisa. Este é o caso da Escola Livre de Sociologia e Política – *ELSP*<sup>7</sup>, fundada em 1933, resultado das iniciativas de um grupo interessado em promover a preparação de administradores profissionais, para ocupar cargos de comando na iniciativa privada ou pública. Tal instituição sofreu forte influência do modelo norte-americano de ensino, profissionalizante. (RUBINO, 1995: 479-521)

No ano seguinte, em 1934, a Universidade de São Paulo foi criada, agregando vários institutos de ensino superior de caráter profissional existentes e criando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - *FFCL*, com forte influência dos modelos europeus, com presença de professores contratados em diversos países para os primeiros cursos. O perfil da *FFCL* proposto inicialmente era a de ser, o que corresponderia em nossos dias, um curso básico, prévio aos profissionais; pelas dificuldades encontradas em alterar a tradição pré-existente ficou com a perspectiva de formar os especialistas em áreas científicas básicas e os professores do ensino secundário, espaço diverso do pretendido pela *ELSP*. (CAPELATO, GLEZER, FERLINI, 1994).

Em 1935, foi criado o Departamento de Cultura do Município de São Paulo – *DC*, por iniciativa do prefeito Fábio Prado, apoiando e respaldando o grupo ligado a Mário de Andrade, com a finalidade de promover a cultura na cidade de São Paulo. Com várias seções, a instituição do *DC* previa em seu quadro intelectuais que fossem formados ou que tivessem estágios na *FFCL* e nas outras faculdades ligadas à universidade recém criada<sup>8</sup>. Desta forma, as disputas se tornaram acirradas, pois estava em jogo, entre as duas novas instituições de ensino superior, consolidar, através do *DC*, um espaço de atuação profissional para os intelectuais que formavam.

No mesmo período, houve a ampliação do mercado editorial, que acompanhou, de certa forma, o educacional. Surgiram assim novos postos de trabalho para os intelectuais que há muito dependiam dos empregos públicos. Ser

---

<sup>7</sup> A Escola Livre de Sociologia e Política é citada como *ELSP*.

<sup>8</sup> Ato 861 de 30 de maio de 1935. *RAM*, (1) 12, p. 229-244.



7

publicado nas páginas da *RAM* era uma possibilidade de visibilidade naquele incipiente mercado de bens simbólicos, pois a revista era bem recebida entre os dirigentes de São Paulo. (MICELI, 1979)

Nossa afirmação da relação da revista com os interesses políticos e econômicos baseia-se nos dados encontrados durante a leitura da revista, pois a mesma divulgou muitos trabalhos realizados por pesquisadores das escolas superiores, os quais continham propostas de analisar as características da sociedade e oferecer soluções para os problemas encontrados. Observando as propagandas veiculadas, que eram de equipamentos agrícolas e industriais; empresas de importação; empreendimentos imobiliários e materiais de construção, percebemos a inserção social do público leitor.

A análise da propaganda indica que o público ao qual a revista se dirigia e, principalmente o que a viabilizava economicamente. A partir desta análise, e comparando com as propagandas que existiam na época, em outras revistas, percebemos que o público a que se destinava a *RAM* era bem específico: altos cargos do Executivo, empresários, além, claro, de intelectuais de outras regiões, do Brasil e do mundo, representativos de duplo diálogo: da *RAM* com os grupos dirigentes de São Paulo e com a intelectualidade de outras regiões.



*RAM*, (2) 21, 1936

No que se refere ao diálogo entre intelectuais de vários locais a partir de São Paulo, observamos que a maior parte dos artigos publicados apresenta linguagem sóbria, utilização de termos técnicos, rigor científico, indicações bibliográficas e de fontes utilizadas. Estas características podem ser consideradas como as de um veículo com pretensões científicas. A própria flexibilidade da



8

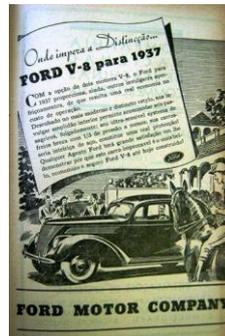
revista, procurando sempre inovar, se adaptar às novas áreas de conhecimento introduzidas, acompanhando a vida cultural e acadêmica em outros países, é mais um indicativo da pretendida cientificidade.

Os elementos acima indicados permitem a percepção das tensões e disputas existentes na sociedade, que os intelectuais que publicaram na *RAM* entre 1934 e 1950, procuravam superar e determinar seu espaço de atuação. Tais tensões e disputas fazem parte das representações que procuramos através da leitura da revista e da classificação de seus artigos, encontrar os pontos cruciais de tais tensões e disputas.

As questões ligadas ao crescimento da cidade, à urbanização, organização de vias públicas, racionalização dos serviços foram reiteradamente encontradas nas páginas da *RAM*. O debate entre os autores que exploraram tais temas pode ser classificado em três vertentes principais: os ufanistas do crescimento, ou seja, os que defendiam a idéia de quanto maior a cidade, melhor seria para a sua economia.

No outro extremo, alguns intelectuais menos otimistas, reconheciam o crescimento da cidade como um problema e que iria engolir as tradições. Alguns alertavam para conhecer determinadas construções antigas, antes que desaparecessem. Outros, com discursos saudosistas, comparavam o moderno com o antigo, destacando este último como depositário da moral, das tradições e mesmo da História, importantes componentes de São Paulo que se encontravam em fase de destruição.

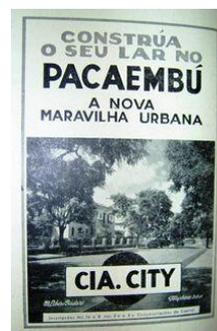
Em meio termo, um grupo que procurava conciliar o crescimento da cidade, propondo alternativas racionais, iniciativas que seriam tomadas pelo poder público, no sentido de garantir o desenvolvimento em São Paulo, sem desumanizar a cidade.



*RAM, (2) 24, 1936*

Conforme podemos observar a propaganda do automóvel Ford V-8, modelo previsto para 1937, observamos no próprio desenho as mensagens implícitas. De um lado a modernidade representada pelo automóvel, reconhecida nas linhas arrojadas do veículo, por um lado. Por outro lado, é possível acompanhar a elegância das pessoas na imagem. Tal elegância reforçada com a imagem do veículo e, ao fundo, um horizonte que traz uma construção com vegetação ao fundo. No canto direito da imagem, quase que “caindo” da cena, há um homem montado a cavalo, parado para assistir o automóvel passar. Observamos, assim, as próprias contradições colocadas pelo avanço da urbanização, por um lado, e a luta pela preservação das tradições, por outro lado. Cabe lembrar que, foi na década de 1930, baseado em projeto de Mário de Andrade, que foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, antecessor do atual IPHAN (FERNANDES, 2010).

Por outro lado, a propaganda veiculada nas páginas da revista fazia apologia ao crescimento da cidade.



*RAM, (4) 42, 1937*

A propaganda da Cia. City, de 1937, sobre o empreendimento imobiliário referente à abertura do bairro do Pacaembu, exemplo de bairro jardim, próximo ao



10

centro da cidade, voltado especialmente para a moradia das elites. A propaganda estava em consonância com os artigos publicados na revista, que tratavam de questões ligadas à especulação imobiliária e ao avanço da urbanização.

A análise das discussões acerca do espaço público, da sua utilização, das teorias sobre zoneamento e planejamento urbano pode encontrar na revista um rico material de análise. Não apenas através dos artigos publicados, mas também pela legislação municipal que todos os números apresentaram referentes a processos de aberturas de ruas, especificação dos usos de determinadas regiões, cobranças de impostos por propagandas, etc. Ainda se apoiando na legislação publicada na *RAM*, pode-se elaborar uma análise da organização trabalhista do funcionalismo público, por exemplo.

Dentro destes debates, a questão da mão-de-obra em São Paulo era um ponto de destaque. A intelectualidade procurava oferecer soluções para que as indústrias – e as lavouras – não fossem prejudicadas pela falta de braços, mas que o país não fosse contaminado com ‘sangue inadequado’ (expressão da época). As questões do imigrante e do migrante colocavam-se como problemas que exigiam solução urgente. Muitos foram os estudos sobre condições de vida, de alimentação e moradia, geralmente através das crianças que freqüentavam os Parques Infantis, sobre a “classe operária”.

Um tema riquíssimo que pode ser explorado através das páginas da *RAM* e a questão da institucionalização da educação infantil. Alguns trabalhos já foram realizados nesse sentido, mas a revista apresenta mais textos, com destaque dos de Nicanor Miranda, que podem viabilizar outras leituras de tal processo.

Encontramos, ainda, nos artigos publicados, material que pode subsidiar pesquisas acerca das relações entre Brasil com os demais países da América; o papel que São Paulo ocuparia nessa relação; as discussões entre a intelectualidade brasileira e a dos demais países. Nesse ponto destacamos as questões ligadas à antropologia e à etnologia, dois campos do conhecimento com grande destaque na revista. Sobre essa temática destacam-se os estudos das populações indígenas da América.



11

E, falando de questões populacionais, a *RAM* apresenta vários artigos que procuram avaliar os vários tipos étnicos que habitavam a cidade de São Paulo, tais como imigrantes estrangeiros e migrantes nacionais, ciganos, classe operária, negros e mulatos. Além das condições de vida de cada grupo, é possível, também, analisar as suas expressões culturais e linguísticas, como aparece em vários artigos da revista.

Outra temática que aparece nas páginas da *RAM* refere-se às utilizações de conceitos e procedimentos eugenistas. Lembrando que estudamos o período em que tais propostas eram aplicadas na Europa, consideramos importante acompanhar o desenrolar no Brasil. Identificamos que tais propostas estiveram na organização administrativas e criação de vários institutos de ensino superior que despontaram naquele momento. Assim, pesquisar o teor de tais conceitos e procedimentos, a influência que exerceu sobre os formadores e administradores de São Paulo, além da observação sobre sua permanência ou não, pode ser fundamental para a compreensão do nosso presente.

Assim, ao finalizar esse pequeno artigo, procuramos destacar a importância da *RAM* como fonte inestimável para vários pesquisadores que queiram buscar, no passado, respostas para inúmeras questões nacionais e, principalmente, que expliquem um pouco melhor as sociedades brasileira e paulista atuais.

#### Bibliografia

ALVES, Odair Rodrigues. *Os homens que governaram São Paulo*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1986.

ARAÚJO, Gilda Cardoso. *Município, Federação e Educação: história das instituições e das idéias políticas no Brasil*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

BARBATO Jr., Roberto. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLAND, Denis (org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

BESSA, Karla Adriana Martins. Três nomes, três caminhos: José Honório Rodrigues, Eurípedes Simões de Paula, Alice P. Canabrava e a Historiografia Brasileira do século XX. In: *História & perspectivas*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 27 e 28, jul./dez. 2002, jan./jun. 2003, p. 77-101.

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003;

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 11. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.



12

BORGES, Vavy Pacheco. São Paulo, anos 1930: um “estado” humilhado? In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; GLEZER, Raquel e FERLINI, Vera Lúcia Amaral. Escola Uspiana de História, *Estudos Avançados*, 8(22) 1994, 349-358.

CASTRO, Ricardo Figueiredo. Os intelectuais trotskistas nos anos 30. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CLARO, Silene Ferreira. *Especialização do campo da História: observação da formação específica dos historiadores através da análise da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

CLARO, Silene Ferreira. *O campo do Historiador na Revista do Arquivo Municipal*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória - 1934-1950)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09022009-164245/Acesso em: 2013-06-15](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09022009-164245/Acesso%20em:2013-06-15).

DIAS, Marcos Horácio Gomes, PRITSCH, Cristina Klafke, MOLINA, Vivian dos Santos. *Mário de Andrade e o Modernismo: ficção na História ou história na ficção?* In: LUMEN – Revista de Estudos e Comunicações. São Paulo: UNIFAI, 2006. Edição Especial – Anais do IV Simpósio Multidisciplinar do Centro Universitário Assunção – UNIFAI.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. *Direito à infância: Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de famílias operárias na cidade de São Paulo (1935 – 1938)*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: 1993.

FERNANDES, José Ricardo de Oriá. *Muito antes do SPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937)*. *Políticas Culturais: teorias e práxis*. Disponível em:

<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/18-JOS%20C3%89-RICARDO-ORI%20C3%81-FERNANDES.1.pdf>

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FILIZZOLA, Ana Carolina Bonjardim. *Na rua, a “troça”, no parque, a troca: (Os Parques Infantis da cidade de São Paulo na década de 1930)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002.

GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999,

\_\_\_\_\_. *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (Org.) *Sérgio Milliet – 100 anos: trajetória, crítica de arte e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.



13

- \_\_\_\_\_. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Edusp, 1992.
- GUIA – *Arquivo Histórico Municipal “Washington Luis”*. São Paulo: PMSP/Secretaria Municipal de Cultura/DPH, 2000.
- LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política, in: MICELI, Sérgio (org.) - *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais: IDESP, 1989, Vol. 1, pp.217-233.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2012.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1933-1960)*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1978.
- MATOS, Odilon Nogueira de. Alguns Aspectos da Historiografia Paulista, *Cadernos da História de São Paulo*, (3-4) out-dez 1994 e ago-out. 1995, 29-41.
- MELO, Rosiane Maria de. O Arquivo na Prefeitura Municipal às vésperas de seu centenário. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 204, 2005, p. 67-87.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. *Colonizadores do futuro cultura, Estado e o Departamento de Cultura do Município de São Paulo, 1935-1938*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada na PUC-SP, São Paulo: 1995.
- PINSKY, Carla Bassanezy (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006.
- PINSKY, Carla Bassanezy; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAFFAINI, Patrícia Tavares. *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael dos. Historiadores brasileiros e franceses: uma hipótese para a recepção da escola dos Annales no Brasil. In: *História & perspectivas*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 27 e 28, jul./dez. 2002, jan./jun. 2003, p. 103-134.
- RUBINO, Silvana. Clube de Pesquisadores: A Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia, in: MICELI, Sérgio (org.) - *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Ed. Sumaré-FAPESP, 1995, Vol. 2, pp. 479-521.
- SANTOS, Delio Freire. RODRIGUES, José Eduardo Ramos. *Câmara Municipal de São Paulo: 1560-1998: quatro séculos de História*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ São Paulo: Edusp, 1984.
- SOUZA, Antonio Candido Mello e. *Literatura e Sociedade*. 8 ed., São Paulo: T.A. Queiroz/Publifolha, 2000.